

JANELAS IRREAIS
UM DIÁRIO DE RELEITURAS



**JANELAS IRREAIS
UM DIÁRIO DE RELEITURAS**

Felipe Charbel



© Relicário Edições
© Felipe Charbel

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

C469j

Charbel, Felipe

Janelas irreais: um diário de releituras / Felipe Charbel. – Belo Horizonte, MG : Relicário, 2018.

190 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-85-66786-73-6

1. Literatura brasileira. 2. Diário. I. Título

CDD 869.8992

2018-934

CDU 821.134.3(81)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos
PROJETO GRÁFICO Ana C. Bahia
DIAGRAMAÇÃO E CAPA Caroline Gischewski
ILUSTRAÇÃO DA CAPA Roberto Bellini
REVISÃO Lucas Morais

RELICÁRIO EDIÇÕES
www.relicarioedicoes.com
contato@relicarioedicoes.com

*Não é possível ler um livro. Só é possível relê-lo.
Um bom leitor, um grande leitor, um leitor criativo e ativo,
é um releitor.*

Vladimir Nabokov

Malogramos sempre ao falar do que amamos.

Roland Barthes

O que há detrás da janela?

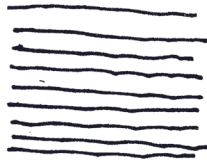
Roberto Bolaño



9	UM DIÁRIO DE RELEITURAS
17	ENSAIO
45	A COISA REAL
81	O CÍRCULO E A LINHA
107	O CANTO DA SEREIA
187	AGRADECIMENTOS
189	SOBRE O AUTOR



UM DIÁRIO DE RELEITURAS



A casa da ficção não tem uma, mas um milhão de janelas.

Henry James



Em junho de 2014, quando voltamos ao Brasil — a Hanna e eu — depois de uma curta temporada vivendo no exterior, uma fala de Iago, o antagonista de *Otelo*, martelava em minha cabeça da hora que eu acordava até o momento de ir dormir, e mesmo durante o sono: “*Eu não sou o que sou*”.

Alimentamos um bocado essa fantasia, a de morar fora. E os nossos planos eram até modestos: ir para um lugar onde falassem outra língua (a que tínhamos em comum era o inglês) e esbanjar com gosto os nove meses de ócio (consegui uma licença na universidade em que trabalho). Nada demais. Tudo bem trivial. Era para ter dado certo, enfim. E só o que conseguimos foi infernizar a vida um do outro.

Fizemos uma opção pelo clichê, Nova York. Mas em qualquer outro lugar teria sido o mesmo caos. Afeiçoados às pequenas aflições que transportamos na bagagem, trancafiados num quarto para escapar dos rigores do inverno, não nos sobrava ânimo para socializar, conhecer gente, fazer amigos — logo, para praticar o idioma. Ainda por cima, eu andava obcecado com a sombra do meu pai: quase diariamente ele me aparecia em sonhos e em lembranças pantanosas.

Perto dos quarenta anos, sem filhos, um segundo casamento indo para o ralo, sentia como se me faltasse uma assinatura na vida — o toque de autenticidade de um Iago. *Eu não sou o que sou*, repetia e repetia. Pura canastrice. Da forma como me enxergava, eu não passava de um

robô do pensamento, catedrático de coisa nenhuma, perito em generalidades. “Por ter subsistido tantos anos numa dieta intelectual rigorosa, à base de tratados de filosofia e de textos teóricos densos”, escrevi no meu diário, “sinto como se a minha existência interior fosse um aglomerado de ideias feitas. Tomadas em conjunto elas formam um mosaico imponente, um aparato vistoso. Mas sem grande serventia. Agamben tem se mostrado inócuo para aquietar o fantasma do meu pai. Não há o que Derrida possa fazer para pacificar o meu convívio com a Hanna”.

De volta a Copacabana e ao convívio dos meus livros, pensei em agir como sempre tinha feito: me esquivando dos problemas. Só não imaginava que as leituras daqueles meses intranquilos tivessem produzido um estrago tão grande. De duas me lembro perfeitamente — escrevi sobre elas no diário. Falo das *Confissões* de Rousseau, e da *Novela luminosa*, de Mario Levrero. O que me interessou foi como os dois se pintavam de um jeito honesto, sem joguinhos com o leitor, sem forçar as barreiras (o crítico e os seus clichês) entre verdade e fingimento. São livros que resistem à ficção. Neles a escrita se confunde com a pessoa dos autores, emprestando um estilo, o afã das convicções fortes, a vidas cambaleantes. Emilio Renzi: “o estilo não é outra coisa senão a convicção absoluta de ter um estilo”.

Já faz quase dez anos ganhei as *Confissões*, presente da minha mãe. Meu pai tinha morrido uns meses antes, e, conhecendo a natureza esquivada do filho que botou no mundo (“a literatura te comove mais do que as pessoas”), ela deve ter imaginado que só um livro me faria superar o torpor do luto, abrindo uma trilha na mata fechada do meu inconsciente. Talvez por isso — o que os psicólogos chamam de resistência — eu tenha mandado as *Confissões* direto para a estante. Nem mesmo as folhee. Mas volta e meia pensava em minha mãe, pensava em Rousseau, e mesmo à distância o livro me fígava. Até que um dia, extenuado pela inconstância do meu ego, quis me nutrir de pensamentos vigorosos. Não foi uma leitura prazerosa. Ainda assim, escondida entre as descrições de dores renais e de pequenas vilanias, perdida entre comentários sobre o asseio das roupas brancas e os cuidados com

a peruca empoadada (a gordura narrativa é saborosa como torresmo), encontrei uma passagem que, no contraste com a miudeza dos meus dilemas, me pareceu enormemente inspiradora. Falo de quando, desenganado por um médico de província, Rousseau tem a ideia de fazer uma reforma na sua subjetividade.

Rousseau não morreria em seis meses. Mas os alicerces da sua recauchutagem moral — farejando o hálito da morte ele logo tratou de pô-la em prática — penetraram em minha mente como estaca em terra mole: não se importar com o julgamento alheio, sondar os labirintos do eu, perseguir o que é “bom e razoável em si”. Sob a influência de quem se dizia inimitável, terminei as *Confissões* com a certeza de que precisava de reparos na minha vida interior. É que sempre me pautei em demasia pela opinião alheia, e sinto grande satisfação com o afago dos elogios — e no conforto de me saber amado, mesmo que por pessoas desprezíveis. Não ambiciono ficar rico, mas todos conhecem a soberba dos que se veem como intelectuais: nossa moeda é o aplauso. Quanto ao conhecimento de si, sempre achei uma falácia, ardid de Sócrates para encobrir a verdade fundamental da existência: a inviabilidade do ser. Já do “bom e razoável em si” jamais tive notícia. Se estivesse com os dias contados, não saberia no que me agarrar. Fora as incertezas, só o que reconhecia como traço genuinamente meu, e isso desde sempre, era a avidez pela leitura. Talvez pudesse partir daí.

Além do desejo por uma reforma, as *Confissões* inocularam em mim o bacilo literário, a ânsia por uma nova forma de escrita. Não era a primeira vez que me via acometido de tais inconveniências. Mas ao contrário de outras épocas, já não pensava em construir personagens ou fabular “situações representativas”. Inventar historinhas a essa altura da vida — não, eu me sentiria ridículo. O que buscava era ao mesmo tempo mais simples e penoso: encontrar uma expressão para chamar de minha, forjar uma assinatura. Vasculhar as entranhas da mente não para desvelar algum segredo, mas para me espantar no percurso.

Se em Rousseau o romance engatinha e quer ficar de pé com as próprias forças, em Levrero o gênero já está moribundo. E mesmo

assim tem um espasmo de vitalidade. Cheguei ao escritor uruguaio por sugestão de um amigo, obcecado por livros inclassificáveis. “Toda a sua confusão mental se explica pela posição dos astros na hora do nascimento, meu velho. Leia a *Novela luminosa*, quando foi que te recomendei livro ruim? Há algo de excepcional no manejo do elo entre romance e diário neste livro”. Ainda segundo o meu amigo, o Antonio, o que Levrero faz é deslocar a escrita íntima dos bastidores para o centro, dando ao diário ares de Obra. “Não mais uma atividade clandestina, a antessala da literatura, mas o palco principal da comédia humana, onde o ridículo e o patético são expostos quase sem retoques, só com alguma censura e de um jeito moderadamente romaneado”. Há alguns anos eu mantinha um diário, e o Antonio sabia disso — tirando cinco dos nove meses em Nova York, escrevo nele com certa regularidade. Daí a sugestão. “Você já iniciou a tal reforma e nem se deu conta”.

Preenchi um caderno inteiro em apenas três meses, e em outubro de 2014 iniciei a transcrição do material. Não passei da primeira entrada. Ao desligar o computador me sentia estranho, tinha febre e cólicas biliares. Fiquei duas semanas em casa, custei a me recuperar, emagreci três quilos. Larguei o caderno num canto e dei por encerrada a minha reforma. Tanto esforço me parecia inútil, rota de fuga das urgências mais reais. Eu tinha me engajado em um *Diário da evasão*: “meu *modus operandi* na vida é desviar o quanto posso do que incomoda, e me agarrar sempre que possível aos prazeres imediatos: a bebida, a comida, a leitura ou mesmo o trabalho. Fiz da evasão uma arte, a procrastinação transformei em método. Mas se for para me esquivar, não vejo sentido em vir aqui. A verdade não é a faixa final, linha de chegada onde me receberão com louros e aplausos. Ela é só um ponto de partida — e de todo modo ninguém se importa”. E a última entrada manuscrita: “ao que tudo indica encontrei a razão por que venho aqui. Escrevo para quebrar as engrenagens do autoengano. Para forçar uma falha no sistema. Para causar um tilt, um curto-circuito nessas fiações cheias de limo. Para alagar a minha cabeça e pressioná-la a transbordar”.

Se naqueles dias o apetite me faltava, ao menos na leitura eu esbanjava voracidade: devorei cinco romances em duas semanas. Nenhum

deles inédito, o que se explica pela vigilância cerrada dos meus censores internos, sempre elegendo as obrigações de trabalho como prioridades. É que naquele semestre eu lecionava um curso bem pesado, e selecionei a ninharia de sete, sete romances para comentar em sala de aula. O bom do mal-estar, talvez sua razão de ser, é que adiei uma série de compromissos para me dedicar às releituras. E uma delas me consumiu num prazer agoniado: a de J. M. Coetzee, *À espera dos bárbaros*.

Apesar da intimidade com o autor, com a sua obra, era apenas o meu segundo contato com o romance, num intervalo de dez anos. Estimulado talvez pelo estado febril, fui tragado de tal maneira, me senti tão absorvido na leitura que era como se tivesse me deixado capturar pelos agentes do Coronel Joll, funcionários de um Império alheio ao tempo, situado em lugar nenhum — e isso para gozar uma ilusão, a aventura pela terra ignota de cujos confins ninguém retornou. Eu estava de volta à cidadela, às ruas escuras cercadas por um muro de pedras sem reboco, onde eu subia, no fim da tarde, para observar a solidão da terra dos nômades, as suas tendas e os seus fogos, os cavalos suarentos e os cachorros descarnados. Da trama em si retive bem pouco, mas aquelas pessoas, aquele deserto, aqueles bichos, aqueles becós, eles eram assustadoramente familiares.

Ao terminar o romance me dei conta de que, em uma década, eu havia passado por uma metamorfose como leitor. A imaginação pictórica, inventiva, fecunda, selvagem, tinha dado lugar, por força do ofício — a crítica literária —, a um modo analítico e controlado de apreciação estética, às boas maneiras na leitura. Eu já não era o viajante calado, um hospedeiro atento e despercebido, e sim o anatomista soturno, seccionando frases como se fossem tendões, serrando tramas como se atravessasse costelas, dissecando o estilo como quem rasga a pele de um cadáver. Me tornei um perito. Mas um perito sem perícia, reproduzidor de fórmulas prontas. Alguém que jamais se enxerga num sublinhado, em rabiscos vergonhosos, nas glosas apressadas nas margens de um livro.

Guardei *À espera dos bárbaros* e imaginei que, se me dedicasse às releituras, talvez pudesse regenerar não apenas o leitor que fui em outros tempos, mas a pessoa que deixei de ser. Refazer as trilhas de

um cânone sentimental, voltar a meus clássicos particulares, escrever percursos em vez de sínteses retrospectivas. Em suma, contar a leitura como se narra uma história, num diário que expusesse fatias carnudas da minha vida, mas embrulhadas pelas fantasias de um leitor. Deixei um pouco de mim em cada um desses livros. Estava na hora de recolher as migalhas e, a exemplo do que fazem as crianças com o restinho do pão, esculpir alguma coisa a partir do nada. Quem sabe dar forma a mim mesmo, no absurdo fluxo dos dias — abrindo a vida ao manusear os livros, descortinando o mundo através de janelas irreais.

Rio de Janeiro, março de 2017